

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Almeida Garrett
Adozinda



Iba Mendes
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Almeida Garret: “*Adozinda*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Almeida Garret: “*Adozinda*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett nasceu com o nome de João Leitão da Silva no Porto a 4 de fevereiro de 1799, filho segundo de Antônio Bernardo da Silva Garrett, selador-mor da Alfândega do Porto, e Ana Augusta de Almeida Leitão. Passou a sua infância, altura em que alterou o seu nome para João Baptista da Silva Leitão, acrescentando o sobrenome Baptista do padrinho e trocando a ordem dos seus apelidos, na Quinta do Sardão, em Oliveira do Douro (Vila Nova de Gaia), pertencente ao seu avô materno José Bento Leitão. Mais tarde viria a escrever a este propósito: "Nasci no Porto, mas criei-me em Gaia". No período de sua adolescência foi viver para os Açores, na ilha Terceira, quando as tropas francesas de Napoleão Bonaparte invadiram Portugal e onde era instruído pelo tio, D. Alexandre, bispo de Angra. De seguida, em 1816 foi para Coimbra, onde acabou por se matricular no curso de Direito. Em 1821 publicou *O Retrato de Vénus*, trabalho que fez com que lhe pusessem um processo por ser considerado materialista, ateu e imoral. É também neste ano que ele e sua família passam a usar o apelido de Almeida Garrett.

Filho segundo do selador-mor da Alfândega do Porto, acompanhou a família quando esta se refugiou nos Açores, onde tinha propriedades, fugindo da segunda invasão francesa, realizada pelo exército comandado pelo marechal Soult que entrando em Portugal por Chaves se dirigiu para o Porto, ocupando-o. Passou a adolescência na ilha Terceira, tendo sido destinado à vida eclesiástica, devendo entrar na Ordem de Cristo, por intercedência do tio paterno, Frei Alexandre da Sagarada Família, bispo de Malaca e depois de Angra.

Em 1816, tendo regressado a Portugal, inscreveu-se na Universidade, na Faculdade de Leis, sendo aí que entrou em contacto com os ideais liberais. Em Coimbra, organiza uma loja maçônica, que será frequentada por alunos da Universidade como Manuel Passos. Em 1818, começa a usar o apelido Almeida Garrett, assim como toda a sua família.

Participa entusiasticamente na revolução de 1820, de que parece ter tido conhecimento antecipado, como parece provar a poesia *As férias*, escrita em 1819. Enquanto dirigente estudantil e orador defende o vintismo com ardor escrevendo um Hino Patriótico recitado no Teatro de São João. Em 1821, funda a Sociedade dos Jardineiros, e volta aos Açores numa viagem de possível motivação maçônica. De regresso ao Continente, estabelece-se em Lisboa, onde continua a publicar escritos patrióticos. Concluindo a Licenciatura em Novembro deste ano.

Em Coimbra publica o poema libertino *O Retrato de Vênus*, que lhe vale ser acusado de materialista e ateu, assim como de "abuso da liberdade de

imprensa”, de que será absolvido em 1822. Torna-se secretário particular de Silva Carvalho, secretário de estado dos Negócios do Reino, ingressando em Agosto na respectiva secretaria, com o lugar de chefe de repartição da instrução pública. No fim do ano, em 11 de Novembro, casa com Luísa Midosi.

A Vilafrancada, o golpe militar de D. Miguel que, em 1823, acaba com a primeira experiência liberal em Portugal, leva-o para o exílio. Estabelece-se em Março de 1824 no Havre, cidade portuária francesa na foz do Sena, mas em Dezembro está desempregado, o que o leva a ir viver para Paris. Não lhe sendo permitido o regresso a Portugal, volta ao seu antigo emprego no Havre. Em 1826 está de volta a Paris, para ir trabalhar na livraria Aillaud. A mulher regressa a Portugal.

É anistiado após a morte de D. João VI, regressando com os últimos emigrados, após a outorga da Carta Constitucional, reocupando em Agosto o seu lugar na Secretaria de Estado. Em Outubro começa a editar “O Português, diário político, literário e comercial”, sendo preso em finais do ano seguinte. Libertado, volta ao exílio em Junho de 1828, devido ao restabelecimento do regime tradicional por D. Miguel. De 1828 a Dezembro de 1831 vive em Inglaterra, indo depois para França, onde se integra num batalhão de caçadores, e mais tarde, em 1832, para os Açores integrado na expedição comandada por D. Pedro IV. Nos Açores transfere-se para o corpo acadêmico, sendo mais tarde chamado, por Mouzinho da Silveira, para a Secretaria de Estado do Reino.

Participa na expedição liberal que desembarca no Mindelo e ocupa o Porto em Julho de 1832. No Porto, é reintegrado como oficial na secretaria de estado do Reino, acumulando com o trabalho na comissão encarregada do projeto de criação do Códigos Criminal e Comercial.

Em Novembro parte com Palmela para uma missão a várias cortes europeias, mas a missão é dissolvida em Janeiro e Almeida Garrett vence abandonado em Inglaterra, indo para Paris onde se encontra com a mulher.

Só com a ocupação de Lisboa em Julho de 1833, consegue apoio para o seu regresso, que acontece em Outubro. Em 2 de Novembro é nomeado vogal-secretário da Comissão de reforma geral dos estudos. É por essa altura que terá se instalado no palácio dos Condes de Almada, no Largo de S. Domingos, em Lisboa, onde reunia a referida comissão. Em Fevereiro do ano seguinte é nomeado cônsul-geral e encarregado de negócios na Bélgica, onde chega em Junho, mas é de novo abandonado pelo governo.

Regressa a Portugal em princípios de 1835, regressando ao seu posto em Maio. Estava em Paris, em tratamento, quando foi substituído sem aviso prévio na embaixada belga. Nomeado embaixador na Dinamarca, é demitido antes mesmo de abandonar a Bélgica.

Estes sucessivos abandonos por parte dos governos cartistas, levam-no a envolver-se com o *Setembrismo*, dando assim origem à sua carreira parlamentar. Logo em 28 de Setembro de 1836 é incumbido de apresentar uma proposta para o teatro nacional, o que faz propondo a organização de uma Inspeção-Geral dos Teatros, a edificação do Teatro D. Maria II e a criação do Conservatório de Arte Dramática. Os anos de 1837 e 1838, são preenchidos nas discussões políticas que levarão à aprovação da Constituição de 1838, e na renovação do teatro nacional.

Em 20 de Dezembro é nomeado cronista-mor do Reino, organizando logo no princípio de 1839 um curso de leituras públicas de História. No ano seguinte o curso versa a “história política, literária e científica de Portugal no século XVI”.

Em 15 de Julho de 1841 ataca violentamente o ministro Antônio José d'Ávila, num discurso a propósito da Lei da Décima, o que implica a sua passagem para a oposição, e o leva à demissão de todos os seus cargos públicos. Em 1842, opõem-se à restauração da Carta proclamada no Porto por Costa Cabral. Eleito deputado nas eleições para a nova Câmara dos Deputados cartista, recusa qualquer nomeação para as comissões parlamentares, como toda a esquerda parlamentar. No ano seguinte ataca violentamente o governo cabralista, que compara ao absolutista.

É neste ano de 1843 que começou a publicar, na *Revista Universal Lisbonense*, as *Viagens na Minha Terra*, descrevendo a viagem ao vale de Santarém começada em 17 de Julho. Anteriormente, em 6 de Maio, tinha lido no Conservatório Nacional uma memória em que apresentou a peça de teatro Frei Luís de Sousa, fazendo a primeira leitura do drama.

Continuando a sua oposição ao Cabralismo, participa na Associação Eleitoral, dirigida por Sá da Bandeira, assim como nas eleições de 1845, onde foi um dos 15 membros da minoria da oposição na nova Câmara. Em 17 de Janeiro de 1846, proferiu um discurso em que considerava a minoria como representante da “grande nação dos oprimidos”, pedido em 7 de Maio a demissão do governo, e em Junho a convocação de novas Cortes.

Com o despoletar da revolução da Maria da Fonte, e da Guerra Civil da Patuleia, Almeida Garrett que apoia o movimento, tem que passar a andar escondido, reaparecendo em Junho, com a assinatura da Convenção do Gramido.

Com a vitória cartista e o regresso de Costa Cabral ao governo, Almeida Garrett é afastado da vida política, até 1852. Em 1849, passa uma breve temporada em casa de Alexandre Herculano, na Ajuda. Em 1850, subscreve com mais de 50 outras personalidades um Protesto contra a Proposta sobre a Liberdade de

Imprensa, mais conhecida por “lei das rolhas”. Costa Cabral nomeia-o, em Dezembro, para a comissão do monumento a D. Pedro IV.

Com o fim do Cabralismo e o começo da Regeneração, em 1851, Almeida Garrett é consagrado oficialmente. É nomeado sucessivamente para a redação das instruções ao projeto da lei eleitoral, como plenipotenciário nas negociações com a Santa Sé, para a comissão de reforma da Academia das Ciências, vogal na comissão das bases da lei eleitoral, e na comissão de reorganização dos serviços públicos, para além de vogal do Conselho Ultramarino, e de estar encarregado da redação do que irá ser o Ato Adicional à Carta.

Por decreto do Rei D. Pedro V de Portugal, datado de 25 de junho de 1851, Garrett é feito Visconde de Almeida Garrett, em vida (tendo o título sido posteriormente renovado por 2 vezes). Em 1852 sobraça, por poucos dias, a pasta do Negócios Estrangeiros em governo presidido pelo Duque de Saldanha. Em 1852 é eleito novamente deputado, e de 4 a 17 de Agosto será ministro dos Negócios Estrangeiros. A sua última intervenção no Parlamento será em Março de 1854 em ataca o governo na pessoa de Rodrigo de Fonseca Magalhães.

Falece a 9 de dezembro de 1854, vítima de um cancro de origem hepática, na sua casa situada na atual Rua Saraiva de Carvalho, em Campo de Ourique, Lisboa. Foi sepultado no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa, tendo sido trasladado a 8 de Março de 1926 para o Mosteiro dos Jerónimos. Os seus restos mortais foram posteriormente trasladados para o Panteão Nacional da Igreja de Santa Engrácia quando do término deste edifício. A cerimônia ocorreu em homenagem a si e a mais outras ilustres figuras portuguesas, entre os dias 1 e 5 de dezembro de 1966.

*Wikipédia
Janeiro, 2014*

ÍNDICE

ADVERTÊNCIA.....	1
NOTAS DA SEGUNDA EDIÇÃO.....	2
AO SR. DUARTE LESSA.....	9
A ELISA.....	16
CANTIGA PRIMEIRA.....	23
CANTIGA SEGUNDA.....	27
CANTIGA TERCEIRA.....	36
CANTIGA QUARTA.....	46

ADVERTÊNCIA

O autor deste romance, animado pelo lisonjeiro favor que outras publicações suas tem merecido ao público português e a distintos literatos estrangeiros, empreende esta nova publicação, cujo assunto é tirado da antiquíssima tradição popular e se refere aos mais remotos tempos e costumes de nossas épocas heróicas e maravilhosas. Espera ele que não desagradará aos amantes de um gênero que fez a colossal reputação de sir Walter Scott, e restituiu à antiga Escócia – na república das letras – o nome e independência que há tanto perdera na ordem política.

Ainda que em pouco hábeis mãos, a língua portuguesa sairá mais uma vez à prova singular de bizzarria com as mais cultas e gabadas línguas da Europa: e será culpa do cavaleiro, não sua, se o prêmio da beleza e valentia lhe não for adjudicado por todo o juiz imparcial.

NOTAS DA SEGUNDA EDIÇÃO

Depois que publiquei em Londres, em 1828, o meu romancinho a Adozinda que aqui vai na frente deste volume, cheguei a ter uma bastante coleção dessas trovas e romances populares, xácaras e solaus – designações que, sinceramente confesso, não sei ainda quadrar bem nas diversas espécies e variedades em que se divide o gênero.

Eram uns vinte e tantos havidos pela tradição oral do povo, quase todos coligidos nas circunvizinhanças de Lisboa pela indústria de amigos zelosos, e principalmente pelo obsequioso cuidado de uma jovem senhora minha amiga muito do coração.

Por voltas do ano seguinte, 1829, os tinha eu pela maior parte corretos, anotados – e colacionadas as principais das infinitas variantes que todos trazem, porque cada rapsodista destes que sabe a sua xácara, a repete a seu modo, e sempre diferente em alguma coisa do que outro a diz.

Cresceram logo mais os meus haveres pela contribuição de outro amigo também muito particular e muito prezado, o sr. Duarte Lessa, homem de raras e prestantes qualidades que amenizava a constante aplicação a mais graves estudos cultivando a literatura e as artes, cujas obras apreciava com tato finíssimo e zelava com fervor patriótico, porque entendia – e bem o entendia! – que elas são o espírito, a alma, o *in ipso vivimus et sumus* de uma nação. Tinha ele adquirido em Londres vários livros e manuscritos que haviam sido do célebre português o Cavaleiro de Oliveira, aquele que renunciou ao importante cargo de nosso ministro na Haia para abraçar a comunhão protestante, na qual viveu em Inglaterra os últimos anos da sua vida, quase unicamente da caridade de seus novos correligionários.

Havia entre esses livros um exemplar da Biblioteca de Barbosa, encadernados os tomos com folhas brancas de permeio, e escritas estas, assim como as amplas margens do fólio impresso, de letra muito miúda, mas muito clara e legível, com anotações, comentários, emendas e adições aos escritos do nosso douto e laborioso mas incorreto abade.

Via-se por muitas partes que o longo trabalho do Oliveira fora feito depois da publicação das suas Memórias, porque a miúdo se referia a elas, confirmando e ampliando, corrigindo ou retratando o que lá dissera.

Nos artigos D. Dinis, Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Fr. Bernardo de Brito, Rodrigues Lobo, D. Francisco Manuel, e em vários outros que vinha a propósito, as notas manuscritas citavam, e transcreviam como ilustração, muitas copias, romances e trovas antigas – e até profecias, como as do Bandarra – fielmente copiadas, asseverava ele, de Mss. antigos que tivera em seu poder na Holanda e

em Portugal, franqueados uns por judeus portugueses das famílias emigradas, outros havidos das preciosas coleções que dantes se conservavam com tão louvável cuidado nas livrarias e cartórios dos nossos fidalgos.

Foi-me logo confiada a Inestimável descoberta; percorri com avidez aquelas notas, examinei-as com escrupulosa atenção, e, extratando uma por uma quantas copias, cantigas e xácaras achei, completas e incompletas, acrescentei assim os meus haveres com umas cinquenta e tantas peças, delas anônimas e verdadeiramente tradicionais, delas de autor conhecido e que nas edições de suas obras se encontram, – tais como Bernardim Ribeiro, Gil Vicente e Rodrigues Lobo – mas que diferiam das impressas, consideravelmente às vezes, muitas até na linguagem da composição, pois que algumas ali achei em português, e manifestamente antigo e da respectiva época, as quais só andam impressas em castelhano.

Com este auxílio corriji de novo muitos dos exemplares que já tinha, e completei alguns fragmentos que já desesperara de poder vir nunca a restaurar. E tomando para modelo as estimadas coleções de Elis e do bispo Percy, e das suas fronteiras de Escócia por Sir Walter Scott, comecei a dar novo método e mais amplos limites à minha compilação que ao princípio intitulara Romanceiro português.

O longo e mais sério trabalho que por esse tempo empreendi no meu trabalho geral Da Educação, cujo primeiro volume se publicou em Londres em 1829, me fez relaxar naquelo outro: depois os cuidados políticos e alguns oficiais, o complemento e impressão de outra obra de mais grave assunto, o Portugal na Balança da Europa, que foi impresso no ano seguinte, 1830, – talvez alguma inconstância de autor, bem desculpável naquela tarefa, tão tediosa às vezes, de colacionar, estudar e explicar textos já viciados da ignorância do vulgo por cujas bocas e memórias andaram, já de outra ignorância mais confiada e mais corruptora ainda, a de copistas presunçosos de letrados e de castigadores do que eles supõem vício.

Contudo, e apesar daquelas e de outras ocupações e distrações, eu sempre voltava de vez em quando ao meu Romanceiro, e o tinha bastante adiantado, quando nos fins, de 1831 abandonei tudo o que eram cuidados de ciência ou recreações literárias para me alistar no exército da Rainha, e embarcar para os Açores. Em janeiro de 1832 saí de Paris comi praça de simples soldado, consegui por este modo tomar minha humilde parte naquela expedição, cujos avisados e cautelosos diretores com tanto empenho afastavam toda a gente conhecida de verdadeira liberal, por todos os modos, por modos que hão de parecer incríveis, e que eles hoje negariam a pés juntos, se fosse possível negar o de que há tantas testemunhas e tantas vítimas ainda vivas, tantos documentos que hão de durar mais que elas.

A minha curta estada nas ilhas foi empregada quase toda nos trabalhos de legislação e organização administrativa a que ali se procedeu, e de que me encarregou a amizade e confiança de um amigo particular, então em grande valimento, ao qual e à dura necessidade de me achar eu único ali que tivesse estudado aquelas matérias, teve de ceder forçosamente a ciosa malevolência dos acaparadores que já na esperança estavam devorando as ruínas de Portugal a que almejavam chegar – pelos esforços e risco alheio – não por certo para meditar sobre elas como outros Mários – oh que Mários! – mas para as revolver e vasculhar como Alaricos...

Faziam-me a honra de me querer mal esses senhores: lisonjeio-me de lho merecer: davam-se ao incômodo de me intrigar; e era desperdício de tempo e de arte, porque não há mister intrigas para tirar favor de príncipes a quem, como eu, os aprecia muito e se honra muito deles, mas não é capaz de fazer o mais leve sacrifício para os conservar; jamais soube, em tantas oportunidades, convertê-los em nenhuma consequência legítima; nunca, nem o mais indiretamente que é possível, tratou de os consolidar em nenhuma realidade utilitária e de proveito pessoal.

Peço perdão da digressão: não a fiz eu mas as coisas, que pelos tempos em que vivemos tão baralhado anda tudo; que até a história literária e poética se confunde com a dos sucessos e relações políticas.

Desse tão pouco e tão ocupado tempo permitiu contudo o acaso que alguns instantes se pudessem aproveitar em benefício do pobre Romanceiro, que ali ia também, o coitado, na expedição, encolhido e amarrotado na mochila de um triste soldado raso, sem se lembrar de aspirar à inaudita honra de seu ilustre predecessor, o Cancioneiro de Resende, que serviu de Evangelho para jurar aquele rei gentio. – Havia pouco por ali quem lhe importasse com Evangelhos e juramentos.

Foi o caso que umas criadas velhas de minha mãe e uma mulata brasileira de minha irmã apareceram sabendo vários romances que eu não tinha, e muitas variadas lições de outros que eu sim tinha, porém mais incompletas. Assim se aditou copiosamente o meu Romanceiro.

Mas este achado fez mais do que enriquecer, salvou-o: porque, ao partir para S. Miguel, o deixei em Angra com minha mãe que Deus tem em glória, que desejava distrair com essas curiosidades que ela entendia e avaliava com o tato perfeito e a sensibilidade elegantíssima de que era dotada, alguma hora das tantas em que já lhe pesavam duramente as moléstias do último quartel da vida... Moléstias agravadas de muita aflição e cuidado – nenhum que seus filhos voluntariamente lhe dessem – todos a adoramos e honramos sempre –mas que lhe dávamos, contudo, pelas circunstâncias fatais da época e das confusões políticas em que andávamos metidos.

Os meus outros papéis, trabalhos de história consideráveis, fruto de longas visitas ao Museu-real de Londres e à riquíssima livraria portuguesa do meu amigo o Sr. Goodeen; uma tragédia, que tinha sido julgada valer alguma coisa pelos que a viram— era o assunto o Infante- Santo em Fez; — um largo poema com pretensões, antes desejos, de ser Orlando, já em trinta e tantos cantos — e prometia crescer! — cujo assunto era o Magriço e os seus Doze; — o segundo volume do tratado Da Educação pronto a entrar no prelo: — quatro livros ou cantos de um romance ou poema — cabia-lhe uma e outra designação— a que dava tema a interessante e romanesca legenda da fundação da Casa de Meneses — pedido de minha boa irmã que decerto não tinha vaidade, porque sempre lhe sobrou o juízo, mas gosto sim, de que seus filhos se honrassem com o nome ilustre de seu pai: — uma quantidade imensa de estudos e trabalhos sobre administração pública; — tudo isso veio comigo para S. Miguel e aí o deixei ao embarcar, porque era defeso ao pobre soldado levar as suas malas, e o lugar era pouco para as bagagens dos que só eram bagagem. Daí me vinha, com outros valores mais substanciais, e se perdeu tudo em um navio que afundaram as balas inimigas à entrada do Porto nos derradeiros dias desse mesmo ano de 1832.

Descansem em paz no amigo lodo do meu pátrio rio! Noutros lodaçais piores teriam de cair talvez se escapassem: o da indiferença pública que porventura mereciam, o de muitos odiozinhos e invejzinhas que não mereciam decerto, porque eram filhos de bom e inocente ânimo, como sempre têm sido os meus.

Assim fossem todos! Desde 1834, que me voltou a Lisboa o milagrosa-mente escapado Romanceiro, ainda não passei verão que lhe não desse algumas das horas descuidadas que naquela quadra ou se hão de dar a estas ocupações mais leves ou a nenhuma. E nestes oito anos tem-se locupletado consideravelmente com as contribuições de muitos amigos e benevolentes, a alguns dos quais nem posso ter o gosto de agradecer aqui o favor recebido, porque incitados pela leitura da Adozinda, me remeteram anonimamente pelo correio o fruto de suas colheitas. A principal parte de um belo, um dos mais belos que já mais vi em coleção alguma nacional ou estrangeira e que hoje enriquece o meu

Romanceiro, assim me foi mandada, creio que do Minho. Outro fragmento que vinha nos respigos ajuntados nesta ceara pelo nosso insigne poeta o Sr. A. F. de Castilho, e que ele teve a bondade de me confiar, veio dar-lhe o complemento que faltava e restituir à perfeição em que hoje está. É um romance de origem visivelmente francesa, se provençal ou normanda não me atrevo a decidir, em que se conta — uni tanto diversa das crônicas antigas e do elegante poema de Millevoix, a história do secretário Eginard e da muito bondosa filha do senhor e amo o poderoso imperador Carlos Magno. Os nossos Scaldos vulgares lêem hoje... não lêem tal, mos repetem Gerinaldo, corrupção do que ao princípio foi Eginardo, adoçados em ll os rr franceses, como se fez em Giraldo, Reginaldo,

antigamente em Bernal e Bernaldo, e em outros muitos nomes que de lá vieram tão duros ou mais. Mencionei este exemplo entre muitos por cair em coisa notável, e para se ajuizar dos outros.

Mr. Pichon, bem conhecido em Lisboa, que foi ultimamente cônsul francês no Porto e agora creio que em Barcelona, tinha começado a formar em 1832- 33 uma pequena coleção de xácaras portuguesas de que também me aproveitei. Mas o incansável coletor a quem mais obrigações devi em Portugal foi o meu condiscípulo o sr. dr. Emídio Costa, advogado nesta corte e há pouco falecido, que generosamente me confiou a sua larga coleção principalmente feita nas duas Beiras, naquele verdadeiro coração e âmago do Portugal primitivo que ocupa a região dentre Lamego e Serra da Estrela.

O sr. Rivara, bibliotecário em Évora, o meu velho amigo o sr. M. Rodrigues de Abreu, bibliotecário em Braga, o meu antigo e fiel companheiro o dr. J. Eloi Nunes Cardoso, de Montemor-o-Novo, com assentamento dobrado, como diria um *bel esprit*, um dos cultos de Seiscentos, na Casa Real de Apolo, por doutor e trovador também, – todos estes cavalheiros me têm ajudado com indicações, livros, folhetos antigos e cópias laboriosamente escritas sob o ditar dos rústicos depositários das nossas tradições populares.

Os trabalhos e recopilações de D. Agustin Duran sobre os Cancioneiros e Romanceiros castelhanos, obra publicada em Madrid em 1832, mas que só por aqui chegou cinco ou seis anos depois, veio ilustrar-me em muita dúvida e ajudar-me a classificar muita coisa difícil. A nova e aumentada edição do sr. Ochoa, impressa em Paris em 1838, e que mais depressa nos trouxe a mais habitual conversação e comércio literário que temos com a França, algum tanto me auxiliou também. A tradução elegante de Mr. Lockart que naquela tão linda e fastosa edição de Londres de 1841 deu à língua e à nação inglesa a mais poética e romântica ideia que jamais será possível dar a um povo estranho e em idioma estranho das imensas riquezas do Nibelungen peninsular, mais que nenhuma coisa me inspirou e animou no meu trabalho, porque é um documento, um monumento grandioso da extraordinária importância e valia que este gênero de coisas está merecendo à Europa culta.

O sr. Herculano, bibliotecário da Real biblioteca da Ajuda, com' cuja provada amizade me honro tanto quanto a nação deve gloriarse de seus escritos, também me tem ajudado não pouco com os preciosos achados que, no seu incessante lavrar das minas arqueológicas, tem encontrado e repartido comigo. Por seu favor tornei a examinar, no Ms. original, o famoso Cancioneiro dito do Colégio dos Nobres, hoje na biblioteca real; e com estas e com as coleções alemãs e francesas, e creio que com quase todas as dos povos do Norte, tenho colacionado as nossas rapsódias populares, muitas das quais por este modo vim a conhecer visivelmente, que tinham a mesma comum origem. Os eruditos

trabalhos de Mr. Raynouard sobre a língua romance ou provençal me alumiam muita vez nesta obscura e enredada tarefa.

A interessante e conscienciosa memória do dr. Bellermann impressa em Berlim em 1840, e o conhecimento de que a sociedade alemã para reimpressão dos livros raros estava publicando em português o nosso Cancioneiro de Resende; o interesse geral que hoje se tem desenvolvido no mundo pela literatura popular das nações modernas e especialmente das nossas peninsulares – interesse, que, por fim e enfim, há de vir a refletir em nós também, e despertar-nos para abrir os olhos às riquezas próprias, ainda que não seja senão pelas ver tão prezadas de estranhos – os conselhos e rogos do meu particular amigo e quase compatriota nosso, o sr. João Adamson, tudo isto me fez alargar mais o plano da minha obra e coleção.

Resolvi, sob nova denominação de Romanceiro e Cancioneiro Geral (*Alterou-se este plano; só se trata por agora do Romanceiro*), reunir todos os documentos que eu pudesse para a história da nossa poesia popular, desde onde memórias ou conjecturas há, até à época atual, acompanhando- os de explicações e glossas, que vão servindo de nexos, que sejam como a liazça, o nastro que ate estes pergaminhos.

Quem não tem olhado senão à superfície da nossa literatura, quem cego do brilho clássico das nossas tantas epopeias, seduzido pela flauta mágica dos nossos bucólicos, entusiasmado pelo estro tão rico e variado dos inumeráveis poetas que, nos quartetos e tercetos sicilianos da elegia, da epístola e do soneto, rivalizam, e tantas vezes lutam de vantagem com o próprio Petrarca: quem, sobretudo, – porque nesse gênero é a musa portuguesa superior à de todas as línguas vivas – adora em Sá de Miranda, Ferreira, Dinis, Garção e Filinto o gênio redivivo de Horácio e de Píndaro – não crê, não suspeita, há de ficar maravilhado de ouvir dizer, como eu quero dizer e provar no presente trabalho, que ao pé, por baixo dessa aristocracia de poetas, que nem a viam talvez, andava, cantava, e nem com o desprezo morria, outra literatura que era a verdadeira nacional, a popular, a vencida, a tiranizada por esses invasores gregos e romanos, e que a todos os esforços deles para lhe obliterarem e confundirem o caráter primitivo, resistia na servidão com aquela força de inércia com que uma raça vencida, com que a população aborígene de um país resiste a igual empenho de seus conquistadores que lhe usurparam a dominação, e que séculos e séculos depois, quando esses já não são, ou não cuidam ser, senão uma casta privilegiada e patriciana, reagem fortes aqueloutros com o que seus próprios senhores lhes ensinaram, regenerados por seu longo martírio, e extirpam muitas vezes, mas geralmente se contentam de avassalar, os seus antigos opressores.

É a história de todos os povos, e por consequência de todas as literaturas. É a história literária de Portugal no segundo quartel deste século; é o que foi esta

reação vulgarmente chamada romântica, mas que não fez mais do que trazer a renascença da poesia nacional e popular. Nenhuma coisa pode ser nacional se não é popular.

Aqui está o porquê, o como e o para quê, fiz a coleção de que este volume é a primeira parte, ou mais exatamente a introdução, e que apenas contém o que eu, à míngua de melhor nome, designarei com o título de Romances da renascença: são os que ressuscitei e como que traduzi das quase apagadas e mutiladas inscrições que desenterrei da memória dos povos.

Os textos originais destes, restituídos quanto é possível, os de muitos outros que apareceram menos imperfeitos na mesma escavação, muitíssimos que se têm achado em livros e papéis desprezados hoje e em coleções Mss., estão prontos, classificados, anotados, e sairão em seguimento deste volume, apenas o permitam as dificuldades, sempre recrescentes em Portugal, de se publicar qualquer coisa.

Eu tenho posto termo, ou pelo menos suspensão indefinida a toda a ocupação literária propriamente dita, para absolutamente me dedicar, enquanto posso e valho, à conclusão de um trabalho antigo, mas interrompido muitas vezes, que agora jurei acabar; são Vinte anos da História de Portugal, período que começa em 1820 e chega aos dias de hoje, mas que não sei se já anda mais enredado e confuso do que o dos mais antigos e obscuros séculos da monarquia.

Espero começar a publicá-lo no fim deste ano (*Dez anos são passados e a promessa nem começou a cumprir-se (1853). Supomos o A. receoso de arrostar com a audaciosa responsabilidade de historiador contemporâneo*); e nenhum tempo ou lugar me sobrarão portanto para mais nada. O Romanceiro, porém, e Fr. Luís de Sousa, estão prontos a entrar no prelo e, quanto é por minha parte, não farão esperar o público.

Lisboa, 12 de Agosto de 1843

AO SR. DUARTE LESSA

SERVIU DE PREFÁCIO À PRIMEIRA ED. DE LONDRES NO ANO DE 1828

Eis, aí vai, meu amigo, o romance em que lhe falei numa das minhas últimas cartas de Portugal. Estava quase todo copiado; e aqui nem paciência nem tempo me chegavam para as muitas correções e alterações que ele precisava; por limar lhe vai, e por limar irá para a imprensa: tanto melhor para quem gostar de dizer mal, que não faltará de quê.

Creio que é esta a primeira tentativa que há dois séculos se faz eu, português de escrever poema ou romance, ou coisa assim de maior extensão neste gênero de versos pequenos octossílabos, ou de redondilha como lhe chamavam dantes os nossos. No meu resumo da história da língua e da poesia portuguesa, que vem no primeiro volume do Parnaso Lusitano impresso ultimamente em Paris, – a só coisa minha que há naquela coleção, porque assim na escolha das peças, como na ordem e sistema da obra me transtornaram e me enxovalharam tudo com notas pueris, ridículas, e até malcriadas algumas, nesse resumo toquei de leve, e em tudo o mais, sobre a beleza destes nossos versos octossílabos, que nos são próprios a nós espanhóis, tanto portugueses como castelhanos, e para certos assuntos e certos gêneros, de poesia, mais adequados do que nenhuma outra espécie de ritmo. Boscan gaba-se de haver introduzido na Península os metros toscanos: hoje está averiguado com certeza que não foi com efeito ele o primeiro que nas duas línguas cultas das Espanhas compôs dos tais versos endecassílabos mas é certo e além de toda a dúvida que do tempo de Boscan e de Garcilasso em Castela, e logo de Sá de Miranda e Ferreira em Portugal, começaram aqueles nossos metros primitivos a cair em mais desuso, a não se empregarem senão em certo gênero de poesia ligeira ou, segundo lhe os Franceses chamam, fugitiva, Francisco Rodrigues Lobo e muito depois D. Francisco Manuel de Melo ainda neles fizeram romances históricos; Violante do Céu muitas das suas lindas e agora tão apreciadas poesias; ainda se fizeram posteriormente églogas, e o que os poetas da Fênix Renascida e campanudos vates das mil e uma Academias do século XVII e XVIII chamavam romances – que certamente não era o que hoje estritamente se entende por este nome. Em tempos mui posteriores, felicissimamente os reviveu o nosso grande e incomparável Tolentino na Sátira, e no tão faceto e delicadíssimo seu próprio e privativo gênero da poesia de sociedade.

A nossa poesia primitiva e eminentemente nacional, a que do princípio, e, para assim dizer, do primeiro balbuciar da nossa língua, nos foi comum com todos os outros povos que mais ou menos tiveram comunhão com a língua provençal, primeira culta da Europa, depois da invasão setentrional, foi seguramente o romance histórico e cavalheiresco, ingênua e rude expressão do entusiasmo de um povo guerreiro. Logo vieram esses trovadores de Provença e nos ensinaram modos mais cultos porém menos originais e menos cunhados do selo popular:

era coisa mais de corte. E como tal não pôde absorver, senão modificar, o que brotara espontaneamente do natural da terra. Mas as duas feições ficaram ambas, e deram assim à poesia portuguesa um caráter talvez único no mundo, – nas Espanhas decerto.

Em geral a poesia da Meia- Idade, singela, romanesca, apaixonada, de uma espécie lírica- romântica que não tem tipo nos poetas antigos, conquanto deixou seu cunho impresso no caráter das línguas e poesias modernas de' todo o sul e ocidente da Europa, não teve contudo imitadores nem se cultivou e aperfeiçoou nunca mais, quase desde o completo triunfo dos clássicos, senão agora recentemente depois que as baladas de Bürger, os romances poéticos de sir W. Scott e alguns outros ensaios ingleses e alemães, mas principalmente os do famoso escocês, introduziram este gosto e o fizeram da moda. Fatigados do grego e romano em arquiteturas e pinturas, começamos a olhar para as belezas Westminster e da Batalha; e o apetite embotado da regular formosura a dos Panteões e Acrópoles, começou, por variar, a inclinar-se para as menos clássicas porém não menos lindas nem menos elegantes formas da arquitetura e da escultura gótica.

Sucedeu exatamente o mesmo com a poesia; enfastiados dos Olimpos e Gnídos, saciados das Vênus e Apoios de nossos pais e avós, lembramo-nos de ver com que maravilhoso enfeitavam suas ficções e seus quadros poéticos nossos bis e tetravós; achamos fadas e gênios, encantos e duendes, – um estilo diferente, outra face de coisas, outro modo de ver, de sentir, de pintar, mais livre, mais excêntrico, mais de fantasia, mais irregular, porém em muitas coisas mais natural. O antiquado agradou por novo, o obsoleto entrou em moda; arte mais fina, gosto mais delicado e de engenhos mais cultos o soube empregar habilmente, (declarar noutra civilização. A poesia romântica, a poesia primitiva, a nossa própria que não herdamos de Gregos nem Romanos, nem imitamos de ninguém, mas que nós modernos criamos, a abandonada poesia nacional das nações vivas ressuscitou bela e remoçada, com suas antigas galas porém melhor talhadas, com suas feições primeiras porém mais compostas. É a mesma selvática, ingênua, caprichosa e aérea virgem das montanhas que se apraz nas solidões incultas, que vai pelos campos alumiados do pálido reflexo da lua, envolta em véus de transparente alvura, folga no vago e na incerteza das cores indistintas que nem oculta nem patenteia o astro da noite; – a mesma beldade misteriosa que frequenta as ruínas do castelo abandonado, da torre deserta, do claustro coberto de era e musgo, e folga de cantar suas endechas desgarradas à boca de cavernas fadadas – por noite morta e horas aziagas. É a mesma sem dúvida: porém o gosto mais puro e fino de seus adoradores, sem alterar a liturgia, modificou os ritos e os acomodou para espíritos e ouvidos costumados aos hinos, menos variados porém mais cadentes, da antiguidade clássica. Não ficou menos natural nem menos nacional, porém muito mais amável e encantadora a nossa poesia primitiva assim ressuscitada agora.

Muito antes do nomeado escocês, já tinha havido tentativas para nacionalizar a poesia moderna e a libertar do jugo da teogonia de Hesíodo: – mas a própria e verdadeira restauração da poesia dos trovadores e menestréis, sem questão nem disputa só Walter Scott a fez popular e geral na Europa. – Com ela se restauraram também os metros simples e curtos que mais naturais são ao estilo cantável, essencial às composições daquele gênero.

Depois de muitas tentativas, de exame longo e refletido, eu por mim convenci-me de que o metro próprio e natural de nossa língua para este gênero de poesia, e para todos os gêneros populares, não era o endecassílabo, o que dizemos vulgarmente heróico. Os portugueses são uma nação poética, a sua língua naturalmente se presta e espontânea se oferece às formas e cadências métricas; os nossos mais rudos camponeses improvisam em seus serões e festas com uma facilidade que deve de espantar os estrangeiros: mas observa-se que o metro destes improvises é sempre sem exceção alguma, o de redondilha de oito sílabas, rara vez o da endecha; acaso farão os versos compostos visivelmente de dois metros, isto é, os alexandrinos ou ditos de arte maior. A causa é óbvia; aquela é a medição mais natural que lhe oferece a música da língua.

Entre as canções antiquíssimas conservadas nos dois Cancioneiros, o do Colégio dos Nobres (impresso por sir Charles Stuart em Paris) e o de Resende, há muita variedade de metros; mas outras poesias mais antigas, os romances populares ou xácaras, que por tradição imemorial se conservam entre o povo, principalmente nas aldeias, todos são no metro octossílabo ou em endechas. Logo direi aqui alguma coisa mais devagar sobre estas curiosíssimas, e tão desprezadas mas tão interessantes, relíquias da nossa arqueologia.

O gênero romântico não é coisa nova para nós. Não falo em relação aos primeiros séculos da monarquia: restam-nos ainda espécimens das Canções que não serão talvez de Gonçalo Hermigues, de Egas Moniz, del-rei D. Pedro Cru, mas são antiquíssimos documentos decerto. As trovas dos Figueiredos, apesar de tão suspeito testemunho de Fr. Bernardo de Brito, creio, por convicção íntima, que são das mais antigas composições poéticas da língua que chegaram até nós. Não aludo porém a épocas tão remotas e incultas. Depois de introduzido o gosto clássico por Sá de Miranda, e Ferreira principalmente, depois de esquecidas as graças singelas de Bernardim Ribeiro pelos mais ataviados primores de Camões e Bernardes, ainda então houve quem de vez em quando deixasse a lira de Horácio e a fruta de Teócrito para tocar o alaúde romântico dos menestréis. O próprio autor dos Lusíadas nas canções, que, depois daquela, são sua melhor composição, para meu gosto, nessas canções tão belas e tão profundamente sentidas, tão repassadas de melancolia suavíssima, em alguns episódios dos mesmos Lusíadas, foi todo romântico, e felicissimamente o foi. Francisco Rodrigues Lobo, segundo já observei, em muitas das pequenas peças que se encontram dispersas pelo

Pastor peregrino, pela Primavera, e nos seus romances mouriscos e históricos, é iminentemente romântico. Tal é Jerônimo Corte Real no Naufrágio de Sepúlveda, quando o deixam com a natureza e lhe permitem ter senso comum as loucuras mitológicas com que perdeu tão bem escolhido assunto, tão belas cenas.

Deixando outros muitos, dos quais o menor exame facilmente mostrará o mesmo; citarei aquele romancezinho de Gaia e do Rei Ramiro, que V. descobriu em Londres com o precioso achado dos papéis e livros do nosso infeliz Oliveira.

Depois que, na extinção dos Jesuítas, e pelos esforços da benemérita Arcádia se restauraram as belas letras e a língua, e o verdadeiro gosto poético afugentou os Acrósticos e os Labirintos seiscentistas, o gênero clássico ressuscitou mais puro e tão belo nas odes do elegante e puro Garção, do altissonante Dinis, do sublime Filinto, do numeroso Bocage, do clássico Ribeiro dos Santos, do ingênuo Maximiano Torres, do galantíssimo Tolentino, do filósofo Caldas, mas o gênero romântico injustamente envolvido na proscrição do seiscentismo, esse desprezado e perseguido, ninguém curou dele, julgaram-no sem o entender, condenaram-no sem o ouvir.

No meu poemazinho do Camões aventurei alguns toques, alguns longes de estilo e pensamentos, anunciei, para assim dizer a possibilidade da restauração deste gênero que tanto tem disputado na Europa literária com aqueloutro, e que hoje coroados dos louros de Scott, de Byron e de Lamartine vai de par com ele, e não direi vencedor, mas também não vencido.

Dona Branca, essa mais decididamente entrou na lice, e com o alaúde do trovador desafiou a lira dos vates; outros dirão, não eu, se com feliz ou infeliz sucesso.

Não é portanto, em nenhum sentido, novo hoje para a literatura portuguesa o gênero romântico, nem me apresento agora com este romancezinho ao público português a pedir privilégio da invenção ou patente de introdução. Se reclamo aqui prioridade é somente em ter instaurado as antigas e primitivas formas métricas da língua em uma espécie de poesia que também foi a primitiva sua, e ao menos a mais antiga de que tradição nos chegou.

De pequeno me lembra que tinha um prazer extremo de ouvir uma criada nossa em torno da qual nos reuníamos nós os pequenos todos da casa, nas longas noites de inverno, recitar-nos meio-cantadas, meio-rezadas, estas xácaras e romances populares de maravilhas e encantamentos, de lindas princesas, de galantes e esforçados cavaleiros. A monotonia do canto, a singeleza da frase, um não sei quê de sentimental e terno e mavioso, tudo me fazia tão profunda impressão e me enlevava os sentidos em tal estado de suavidade melancólica, que ainda hoje me lembram como presentes aquelas horas de gozo inocente,

com uma saudade que me dá pena e prazer ao mesmo tempo (*O Sr. Duque de Ribas, bem conhecido na Europa hoje, tomou para epígrafe de seu Moro esposito este parágrafo da presente carta: não me desvanece por mim; mas dá-me gosto que precedêssemos os nossos vizinhos na restauração da poesia popular das Espanhas. Ed. de 1813*).

Veio outra idade, outros pensamentos, ocupações, estudos, livros, prazeres, desgostos, aflições – tudo o que compõe a variada teia da vida, – e da minha tão trabalhosa e trabalhada vida! – tudo isso passou; e no meio de tudo isso, lá vinha de vez em quando uma hora de solidão e de repouso – e as noites da minha infância e os romances incultos e populares da minha terra a lembrarem-me, a lembrarem-me sempre.

Lendo depois os poemas de Walter Scott ou, mais exatamente, suas novelas poéticas, as Baladas alemãs de Bürger, as Inglesas de Burns, comecei a pensar que aquelas rudes e antiquíssimas rapsódias nossas continham um fundo excelente e lindíssima poesia nacional, e que podiam e deviam ser aproveitadas.

Em Paris fui ver o Cancioneiro do Colégio dos Nobres na defeituosa edição de Sir Charles Stuart; depois voltando a Portugal tornei a percorrer o de Resende: no primeiro nada, no segundo pouco achei do romance histórico ou narrativo. Desta última espécie não há impresso mais que esses duvidosos fragmentos conservados por Fr. Bernardo de Brito e por Miguel Leitão.

Recorri à tradição: estava então eu fora de Portugal: estimulava-me a leitura dos muitos ensaios estrangeiros que nesse gênero iam aparecendo todos os dias na Inglaterra e França, mas principalmente em Alemanha. Uma estimável e jovem senhora de minha particular amizade – a quem por agradecida retribuição é dirigida a introdução do presente romance – foi quem se incumbiu de me procurar em Portugal algumas cópias das xácaras e lendas populares.

Depois de muitos trabalhos e indagações, de conferir e estudar muita cópia bárbara, que a grande custo se arrancou à Ignorância e acanhamento de amas secas e lavadeiras e sabias velhas, hoje principais depositárias desta arqueologia nacional – galantes cofres, em que para descobrir pouco que seja é necessário esgravatar como o *pullos gallinaceus* de Fedro, – alguma coisa se pôde obter, informe e mutilada pela rudeza das mãos e memórias por onde passou; mas enfim era alguma coisa, e forçoso foi contentar-me com o pouco que me davam e que tanto custou.

Assim consegui umas quinze rapsódias, ou, mais propriamente, fragmentos de romances e xácaras que em geral são visivelmente do mesmo estilo, mas de conhecida diferença em antiguidade, todavia remotíssima em todos. Comecei a arranjar e a vestir alguns com que engracei mais: e para lhe dar amostra do modo porque o fiz, adiante copio um dos mais curiosos (*É o do Bernal-Francês*),

ainda que não dos menos estropiados, e com ele o restaurado ou recomposto por mim, o melhor que pude e soube sem alterar o fundo da história e conservando, quanto era possível, o tom e estilo de melancolia e sensibilidade que faz o principal e peculiar caráter destas peças.

A minha primeira ideia foi fazer uma coleção dos romances assim reconstruídos e ornados com os enfeites singelos porém mais simétricos da moderna poesia romântica, e publicá-la com o título de Romanceiro português, ou outro que tal, para conservar um monumento de antiguidade literária tão interessante, e de que talvez só a língua portuguesa, entre as cultas da Europa, careça ainda; porque de quase todas sei, e de todas creio, que se não pode dizer tal (*É o pensamento que agora se realiza*).

Mas sobreveio tanta interrupção, tanta distração de variado gênero, mortificações, cuidados, trabalhos mais sérios: enfim desisti da empresa.

Já tinha decorrido muito tempo, e voltado eu a Portugal lembrando-me sempre de vez em quando este empenho tão antigo e tão fixo; e a ocasião a fugir-me. Uma circunstância fatal e terrível me fez voltar às minhas queridas antigualhas. Lançado numa prisão pela maior e mais patente injustiça que jamais se ouviu (*O autor esteve por espaço de três meses preso sem mais pretexto que o de ter tido parte em uma publicação censurada e impressa com todas as licenças necessárias. Não foi preso o censor, nem proibida a publicação, nem no fim de três meses se achou matéria de culpa! Ed. de 1828. – O jornal era o Português, cuja moderação em doutrina, e urbanidade em estilo ainda não foram imitadas. Ed. de 1843*), voltei-me, para ocupar minha solidão e distrair as amarguras do espírito, aos meus romances populares, que sempre comigo têm andado, como uma preciosidade, que bem sei não avalia ninguém mais, de que muita gente rirá, mas que eu aprecio, e me ponho às vezes a contemplar, e a estudar como um antiquário fanático a quem se vão as horas e os dias diante dum tronco de estátua, dum capitel de coluna, dum pedaço de vaso etrusco, dum bronze já carcomido e informe, desenterrado das ruínas de Pompeia ou de Herculano. Mas quantos Davids e Canovas não faz, quantos Rafaéis e Miguel-Ângelos não fez o estudo desses fragmentos que despreza porque mais não entende o vulgo ignorante!

Assim passei muitas horas de minha longa e amofinada prisão, suavizando mágoas e distraindo pensamentos. – Tinha eu começado a ajeitar outro romance que originalmente se intitula A Silvana, cujo assunto notável e horroroso exigia suma delicadeza para se tornar capaz de ser lido sem repugnância ou indecência. Era nada menos que uma nova Mirra, ou antes o inverso da trágica, interessante, mas abominosa história da mitologia grega; é um pai namorado de sua própria filha! A filha jovem, bela, virtuosa, santa enfim. – A dificuldade do assunto irritou o desejo de lutar com ela e vencê-la se possível fosse. Dava larga o tempo, pedia extensão a natureza dos obstáculos; o

que fora começado para uma xácara, para uma cantiga, ou, como lhe chamam Alemães e Ingleses para uma balada, saiu um poemeto de quatro cantos, pequenos sim, porém muito maiores do que eu pensei que fossem, e do que geralmente são tais coisas. Mudei-lhe o título e chamei-lhe Adozinda, que soa melhor e é português mais antigo. O fundo da história, as circunstâncias do desfecho dela são conservadas do original; o ornato, o mecanismo do maravilhoso é outro mas acomodado, creio eu ao gênero e à índole do assunto.

Mando-lhe aqui também uma cópia do romance original para ver e combinar. É dos mais mutilados e desfigurados, mas certamente dos que têm mais visíveis sinais de vetustade quase imemorial (*É a Silvaninha*).

Ora eis aqui, meu amigo a história e origem da minha Adozinda, gerada no exílio, nascida entre sustos, criada na miséria e padecimentos de uma prisão. Entre tudo o que tenho rabiscado de prosas e versos este romancinho é a composição minha a que tenho mais amor pelas memórias que me lembra, pelas afecções que me desperta. – Que de coisas passaram por mim durante o tempo que o compus, os intervalos tão longos em que o deixei! – até o nascimento e a morte de uma filha única, tão querida e para sempre chorada!...

Adeus, meu amigo: não sei o que aí vai escrito, nem como. São ideias sem nexos, pensamentos desatados, coisas à toa como o espírito de quem as escreve. Leia-as assim, e assim se imprimam se porventura estão em termos disso, – do que muito duvido, porque eu por mim, nem que me dessem os louros de Camões, ou me fizessem apoteoses como a Homero, me punha a corrigir, nem sequer a rever o que aí vai escrito, quer prosa quer versos (*Corrigiu-se contudo agora esta carta para a presente reimpressão, porque escrita muito à pressa em Londres logo ao chegar de Portugal, não tinha agora essa desculpa, que então podia valer. Ed. de 1843*).

A ELISA

Campolide, 11 de Agosto de 1827

*Thus, while I ape the measure wild,
Of tales that charmed me yet a child,
Rude though they be, still with the chime
Return the thoughts of early time;
And feelings, roused in life's first day
Glow in the line, and prompt the lay.*

WALTER SCOTT

Campo da lide é este; aqui lidaram,
Elisa, os nossos quando os nossos eram
Lidadores por glória, – aqui prostraram
Soberbas castelhanas, e – venceram;
Que pelo rei e pátria combatendo
Nunca foram vencidos Portugueses.
– Este terreno é santo; inda estás vendo
Ali aqueles restos mal poupados
Do tempo esquecedor,
Dos homens deslembrados;
Nobres relíquias são de altas muralhas
Forradas já de lúcidos arneses,
De tresdobradas malhas.
Talvez flutuava ali naquele canto,
Soberbo e vencedor
Das Quinas o pendão vitorioso;
E juntos ao redor
Desse paládio augusto e sacrossanto,
Invencível trincheira lhe faziam
Toda a flor dos mais nobres e esforçados;
Que à voz da pátria (voz que nunca ouviam
Sem sentir redobrados
Do nobre coração os movimentos)
Heróis são todos, fácil a vitória,
Fáceis as palmas que lhe enfeixa a glória.

Ah! – paremos aqui: – vê quais na frente
As artérias violentas me rebatem:
Febri! descompassado corre e ardente
E me angustia o sangue...
– Ah! sim paremos
Aqui... Não, aqui não; esse outeirinho
Depressa o descemos.

Faz- me bem esta vista: – essas arcadas
Soberbas, elevadas,
Que uniram monte a monte e serra a serra,
Acaso não serão
Tão ilustres talvez, – não lembram guerra,
Glória não lembram; nem com sangue lívido
A morte da vitória companheira
Para o erguido padrão
O cimento amassou.
Um rei que amou as artes, rei pacífico,
A quem amor fadou
Que se eu fosse e das musas, – que fugidas,
Da pátria há tanto, à pátria as volveria;
Do povo à utilidade
Este sublime monumento erguia
Para a posteridade
Isto só lhe apurou o nome e a glória,
E lhe ganhou as páginas da história.
Inda é muita opressão; inda me acanha
Tanta arte humana o coração no peito.
Tão grandes massas, fábrica tamanha,
Absorto deixarão – mas satisfeito
O ânimo, os sentidos?... Não, Elisa,
Não satisfaz ao homem a arte humana;
Por mais que ela se ufana,
Que aos abismos o centro oprime e pisa
C'os fundamentos de eternals pirâmides,
Ou c'os erguidos vértices
Às nuvens rasga o seio tempestuoso.
Nem assim: – à tristeza ou à alegria,
E àquele estado de inefável gozo
Que entre a dor e o prazer a alma suspende
Brandamente e se diz melancolia,
Oh! nada disso o excita.
Oh! nada disso o coração entende!
Oh! nada disso o espírito nos move
Se a natureza, a pura natureza
Por sua ingênua atração nos não comove.
Posso admirar o homem e a grandeza
De suas nobres feitura,
Mas somente admirar;
Mais não pode excitar
Mesquinha criação de criaturas.

Vamos por essa encosta
Subindo.

– Eu gosto do alto das montanhas,
Dos picos das erguidas serranias,
O avaro à terra mãe abra as entranhas,
Cave oiro e crimes, com que encurte os dias
Seus e dos seus, e a sombra da virtude
Acabe de varrer da face dela.

Mas o que, em paz comigo e co'a existência,
Ainda ama a inocência,
Inda se apraz co'a natureza bela,
A seus quadros sorri, com seus dons goza,
Oh! esse venha ao cume do alto monte,
Venha estender a vista saudosa
Pelo vale que à falda lhe verdeja,
A messe que loureja,
E a despenhada fonte
Que vai garrula e trépida saltando
Té que se junta em cava pederneira.
Donde sai, o arco- íris imitando
Na espadana da férvida cachoeira.
Venha na solidão – e o só dos montes
É mais só que nenhum, – o silencioso
Mais augusto, solene e majestoso!
Venha na solidão
Consigo conversar, falar um'hora
Com o seu coração.

– Quantos há que anos longos hão vivido
C'os outros sempre, sempre c'os de fora
Sem viverem consigo nem um dia,
Nem um momento só!

Tenhamos deles dó;
Viver não... têm apenas existido.
Tua meiga companhia
É doce, Elisa; e sempre na minha alma
Foi teu brando falar – e quantas vezes!
– Celeste orvalho que abrandou a calma
De paixões, que adoçou o agro a revezes:
Porém a minha solidão querida,
De vez em quando, lá quando alma o pede,
Oh! não ma tirem que é tirar-me a vida.
Agora conversemos: eu ignoro
A arte das vãs palavras que bem soam;
Oiço- as, e não demoro

No ouvido os sons que de per si se escoam.
O sol declina; – temos largamente
Hoje filosofado.
Na viva flor da idade e da saúde
Nem de todos seria acreditado
Que tão suavemente
Em austeras conversas de virtude
Nos fosse o tempo.
– Crê-me, Elisa amável,
Tem muito mais prazeres a amizade
E mais doces que amor:
Para todos os sexos, toda a Idade,
Em todo o tempo a mesma, sempre afável,
Sem o cancro roedor
Do ciúme voraz que no mais puro

De amor, no mais seguro
Suas raízes venenosas lança,
E co'a mais branda flor
Seus mordentes espinhos lhe entrança.

Detestemos, Elisa, essa funesta
Paixão brutal que a tudo e em tudo dana,
Da virtude a tirana:
Não nos iluda a tão comum cegueira;
Detesta o crime quem amor detesta.
Crimes! – vê a amizade prazenteira,
Que nenhuns tem; – e amor, ai! quantos, quantos?
Honras perdidas, tálamos violados,
Os vínculos mais santos
Dos homens e de Deus, da natureza,
Da própria natureza – espedaçados
Por esse amor, que era tocha acesa
Do vivo fogo traz do Averno imundo
Para de crimes abrasar o mundo.

Honesto, justo, santo, consagrado,
Nada respeita: – o sangue, o altar em meio
De seus desejos não é termo ou freio;
Não há pomo vedado
No Éden da virtude
Que a mão perversa e rude
Tocar não ouse, – árvore da vida
Que dos grifos mordida,

Em peçonha de morte não converta,
E a seiva salutar já corrompida
Em letal benefício não perverta.
Lembra- te aquela história
Que ingênuo o povo em seus trabalhos canta,
E de longa memória
Entre eles perpetuada,
É singela legenda de uma santa,
Que por brutal amor sacrificada,
Desvalida virtude,
Só do crime escapou no seio à morte?
Eu a canção magoada
Em verso menos rude,
Mais moldado verti, dei novo corte
Ao vestido antiquíssimo, à simpleza
Que há séculos lhe deu
De nossos bons maiores a rudeza.
Serenos está o céu,
Tranquilo o vento, a calma descaída;
E, pois que não te enfada
A singela toada
Do bardo alaúde que sem arte soa

E a rima desgarrada
Da popular canção rústico entoa,
– Aqui ta cantarei; ouve: e se ao pranto
Te comover a saudosa endecha,
Na selvagem bonina,
Na campainha agreste desse mato
Arrociá-lo deixa;
São lágrimas sinceras, própria fonte
Para regar as inocentes flores
Que arte não sabem nem conhecem arte;
Flores como os meus versos não variados
De refinadas cores
Em que alma só e coração tem parte.
Não por clássica música modulados
Ao graduado som de grega lira,
De citara romana.
A minha é melodia que só mana
Dos íntimos acordes só do peito;
Nem há corda que fira
Em meu alaúde rústico
Tom menos natural, mais contrafeito.

Em soberbos canais, alto empedrados
Por engenhoso hidráulico,
Vão da arte subjugados
Os caudais da torrente conduzindo
Riquezas de preciosa mercancia:
E o arroio, que serpeia entre pedrinhas
Pela relva macia,
Bordado em torno sinuosamente,
Que pode ele levar
Em sua doce e trépida corrente?
– Alguma folha de silvestre rosa
Que, Ingênuo divagando
Pastorinha formosa
Lhe foi acaso à margem desfolhando.

CANTIGA PRIMEIRA

*No, I'll not weep:
I have full cause of weeping; but this heart
Shall break into an hundred thousand flaws
Or ere I'll weep.*
SHAKESPEARE

I

Onde vais tão alva e linda,
Mas tão triste e pensativa
Pura, celeste Adozinda,
Da cor da singela rosa
Que nasceu ao pé do rio?
Tão ingênuo, tão formosa
Como a flor, das flores brio
Que em serena madrugada
Abre o seio descuidada
A doce manhã de Abril!
– Roupas de seda que leva
Alvas de neve, que cega
Como os picos do Gerês
Quando em Janeiro lhe neva.
Cinto cor de violeta
Que à sombra desabrochou;
Cintura mais delicada

Nunca outro cinto apertou.
Anéis louros do cabelo
Como o sol resplandecentes
Folgam soltos; dá- lho vento,
Dá no véu ligeiro e belo,
Véu por suas mãos bordado,
De um santo ermitão fadado
Que vinha da Palestina;
Passou pelo povoado,
Foi-se direito ao castelo
Pediú pousada, e lha deram
Porque intercede a menina:
Que o pai soberbo e descrido,
– Nessa gente peregrina,
Disse, quem sabe o que vem?
– Mas pede Adozinda bela,
Tão virtude e formosura,
Quem lho há de negar a ela?
Não pode o pai nem ninguém.

II

Mas o outro dia, à luz nada
Houve quem visse Adozinda
Debruçada em seu balcão
Haver prática alongada
Co'aquele velho ermitão.
Quem sabe o que lhe ele disse?
Ninguém no castelo ouviu:
Mas daquela ocasião,
A alegria lhe fugiu
Dos olhos e do semblante:
Ficou triste, sempre triste;
Mas em seu rosto divino
Fez-se formosa a tristeza.
Como olhos de amor quebrados
Disseras os olhos dela;
Mas não tem de amor cuidados,
Que a ninguém conhece a bela.

III

Qual semente arrebatada
Da flor de vergel mimoso

Pelos furacões do Outono,
Vai no encosto pedregoso
Cair de serra escalvada;
Vem Abril, e a seu bafejo
Brota e nasce a linda flor,
De ninguém vista ou sabida,
Nem de damas cobiçada
Nem de pastores colhida,
E o vento da solidão
Lhe bebe o perfume em vão.

IV

Quinze anos tem Adozinda;
E desde a vez que o romeiro
Do saio pardo e grosseiro
Lhe falou ao seu balcão,
Faz três para o São João.

V

E Adozinda sempre triste
Vai sozinha pelo eirado,
Pelo jardim, pelo prado;
Nem já a divertem flores
Em que punha o seu cuidado
Pelos sombrios verdores
De sua espessa coutada
Vaga à toa e derramada,
Como a novilha perdida,
Como a ovelha desgarrada
A quem o tenro filhinho
Lobo do mato levou:
– Desfaz-se a mãe em balidos,
Que de ninguém são ouvidos,
E o filhinho não tornou!

VI

Que tem Adozinda bela
Que em tal desconsolo a traz?
Serão saudades do pai
Que anda co'os Mouros à guerra
Por defender sua terra

Mais a santa lei de Deus?
Três anos há que se foi;
E dois filhos que levou,
A cada qual sua espada
Com juramento entregou
De lha tornarem lavada
No sangue mouro descrido:
E assim cada um jurou.
Fizeram gente em suas vilas,
(Que preto muitas lhe dão)
E guiaram seu pendão
Para terras de Moirama.
Já vejo chorar donzelas,
Vejo carpir muita dama,
Que onde chega Dom Sisnando,
Com sua espada portuguesa,
Não há lanças nem rodela
Que sirvam para defesa.

VII

Mas não são do pai saudades,
Que sempre a lidar com armas
Como elas duro se fez;
Mais lhe importam do que a filha
Seus ginetes, seu arnês.
E até – quem diria tal!
– Quando a mãe, por diverti-la,
Lhe fala do pai ausente
E lhe diz que há de voltar,
Parece que se lhe sente
O coração apertar.
Suspira em silêncio
Ausenda, Ausenda tão bela ainda
Que ao pé da bela Adozinda
Mais irmã que mãe parece
De filha tão moça e linda
Suspira em silêncio a triste,
Porque suspira não diz:
– Filha amante de seu pai
Conceder-me o céu não quis!”
Ai! que sem razão se chora!
Ai! Ausenda malfadada,
Tem de vir minguada hora

Que à filhinha desgraçada
Darás mais razão que agora.

VIII

Que tropel que vai nos Paços
De Landim ao pé dos rios!
Sons de festa e sons de guerra
Em seus muros e alta torre?
Geme a ponte, treme a terra
C'o peso de homens armados.
Cavalos acobertados
Trotam ligeiros; – e corre
O alferes que tremulando
Vai guião de roxa cruz...
Já chegado é Dom Sisnando.
Entre os cavaleiros todos
Sua armadura reluz:
E o penacho flutuante
Das plumas altas de neve
Sobre o elmo rutilante
De longe a vista percebe.

IX

– “Portas do castelo, abri-vos,
Correi, pajens e donzelas,
Que é chegado meu senhor,
Meu esposo e meu amor!”
Ausenda bradava e corre.
Portas se abrem, soam vivas,
E o eco da antiga torre
Com o som festivo acordou.
– “Viva, viva Dom Sisnando!”
E o tropel que dobra e cresce,
E às portas que chega o bando
Dos guerreiros triunfantes.
Do corcel soberbo desce
E aos braços anelantes
Da cara esposa voou.
Doce amor que os apertou
Não lhes deixou mais sentidos
Que para se ver unidos,
Ajuntar-se peito a peito,

E em laço tão brando e estreito
Longa saudade afogar.
A Ausenda goteja o pranto,
Pranto que é todo alegria;
E o rosto que nunca enfia
Do esforçado lidador,
Também sentiu – mais que a dor
Pode o gozo! – descuidada
Uma lágrima sensível
De seus olhos escapada.

X

Mas as lágrimas de gosto,
Como as de mágoa, têm fim;
Dom Sisnando enxuga o rosto,
E tomando a mão à esposa:
– Donde vem, lhe diz, senhora,
Que a jóia mais preciosa
Não vejo destes meus paços,
Donde vem que aos meus braços
Minha filha?... – A filha bela,
Pasmada, trêmula, a um lado,
O rosto ao chão inclinado,
Parecia humilde estrela
Que ao primeiro ralo vivo
Do sol que no alvor reluz
Não fica, não, menos bela,
Porém pálida e sem luz.

XI

Três anos já são passados
Que Dom Sisnando a não via,
Nessa jovem, linda dama
Sua filha não conhecia.
– “Ei-la aqui, senhor”, dizia
A mãe, que dum braço a trava,
“Ei-la aqui”.
– Os olhos crava
O pai na formosa filha,
E de assombro e maravilha
Mudo, extático ficou.
Cora Adozinda, suspira,

E “Pai!” disse em voz tremente
Submissa...; languidamente
Ajoelha, ósculo frio
Na paterna mão imprime:
Pranto que até ali reprime,
Corre agora em solto rio.
– “Que tens tu, filha querida,
Que assim choras tão carpida?
É teu pai, que há de querer- te,
Que há de amar- te como eu te amo”.
E tomou- a nos seus braços,
E a levanta Ausenda bela.
Pasma o pai, suspira ela;
E a custo os doces abraços
De pai, de filha se deram.

XII

Pouco alegre a companhia
Entrou nos paços brilhantes;
E os atabales soantes
Pregoaram festas e alegria
No castelo de Landim. ⁱ

CANTIGA SEGUNDA

*But yet thou art my flesh, my blood,
my daughter.*
SHAKESPEARE

I

Oh! que alegrias que vão
Pelos paços de Landim!
Que magníficos banquetes
Que suntuoso festim!
Junto ao valente campeão,
À cabeceira da mesa
Ficou a bela Adozinda.
A tão celeste beleza
Estão todos admirando;
E o embevecido Sisnando
Não se farta de abraçá-la,

De beijar filha tão linda.
Ausenda de gosto chora,
E abençoa a feliz hora
Em que tanto amor nasceu.
– “Inda bem” – diz – “que a rudeza
De tanto lidar com armas
À inocência, à beleza
Da amada filha cedeu!”
Ela às carícias paternas
Já não ousa de esquivar-se,
Cora, mas deixa abraçar-se;
Vê-se que tantos afagos
A repugnância venceram
Da timidez natural,
Ou, se outra causa fatal,
Mais encoberta ela tinha.
Ao menos lha adormeceram.

II

Já de esquisitos manjares
Os convivas saciados,
De folias e cantares
Pajens, donzelas cansados,
E dos brindes amiudados
Finda a primeira alegria,
Doce repouso pedia
Quanto esta noite em Landim
Velou em baile e festim.
A seus nobres aposentos
Adozinda retirada,
Com permissão outorgada
A custo – do pai, se foi.
Ausenda, em grave cortejo
De suas damas rodeada
Deixou há muito o festejo,
E em seu camarim deitada
Espera o momento ansiosa
Em que a sós a amante e a esposa
Nos braços de Dom Sisnando
Se hão de em breve confundir.

III

Como um tapete mimoso,
Junto ao paço de Landim
Se estende jardim formoso,
De boninas arrelvado
Da verde grama e de flores:
Remata em bosque frondoso
Cujos opacos verdores
Eternas sombras acoitam,
De pesados sentimentos
Opresso o peito fremente,
A respirar livremente
O ar puro da noite fria
Entrou insensivelmente
Dom Sisnando em seu vergel.
Jamais tão rico dossel
De azul bordado de estrelas
Se estendeu sobre a terra
Do estio nas noites belas.

IV

Alta a lua vai no céu,
E as sombras leves e raras
Não impedem às florinhas,
Não tolhem às águas claras
De brilhar co'a luz noturna,
Menos resplendente e fúlgida,
Porém mais suave e plácida,
Mais amável que a diurna.
Manso o vento, que murmura
Entre as folhas brandamente,
Convida suavemente
A respirar, a bebê-la,
Essa fresca viração,
Das flores exalação,
Tão doce como o bafejo
De dois amantes queridos
Quando por amor unidos
Se dão mútuo e doce beijo.

V

Na feiticeira beleza

Da noite, do céu, das flores
Várias de aroma e de cores,
Sisnando todo embebido,
No seio da natureza
Do resto do orbe esquecido,
Pouco a pouco a agitação
De alma lhe foi abrandando,
E o pesado coração
Do afogo desapertando:
Já pode gemer, – suspira,
E como que se lhe tira
Um peso de sobre o peito,
Que a suspirar foi desfeito.

VI

Por que geme, por que anseia
Dom Sisnando, o lidador?
Sisnando, o triunfador,
Cujo alto pendão campeia
Vitorioso e senhor
Por tanta soberba ameia
De nunca entrado castelo,
De jamais vencida torre!
– Dor que lhe nasce no peito
É dor que no peito morre;
Ânsia que lhe rala a vida
Não é para ser sabida.
– E desde quando? há tão pouco
Feliz e ditoso ainda,
Com tanta alegria e júbilo
Festejada sua vinda!...
Vassalos, esposa, filha...
Filha!... A filha é tão formosa!
Oh! essa Adozinda bela
Nos olhos encantadores
Tem com que matar de amores
A metade dos humanos!
Não, não é peito sensível
Peito que lhe resistir:
Mas o pai!... não é possível.

VII

Não é, não é.
– Mas Sisnando,
Sem saber onde caminha,
Melancólico e pesado.
Insensível foi entrando
Pelo bosque emaranhado
Que ao jardim avizinha:
E o silêncio, que o seguiu,
Que no espesso coito habita,
Nem um verde ramo agita,
Nem uma folha buliu.
À toa por entre as árvores
Sem seguir carreiro ou trilho,
Nem guiado de um só brilho
De froixa estreia que entrasse
Por tão medonha espessura,
Ora lento e vagaroso,
Ora os passos apressura,
Já por caminho fragoso,
Já por vereda macia.
Té que num claro onde os troncos
Escasseiam de repente,
E onde pálido e tremente
Seu reflexo a lua enfia,
Sem o saber, foi parar.

VIII

Agreste, não feio é o sítio
Medonho, horrível de ver;
Porém tem a natureza
Horrores que são beleza,
Tristezas que dão prazer,
Mão de arte ali não chegou;
A virginal aspereza
Ficou em toda a rudeza
Que a criação lhe deixou.
De um lado, choupos anciãos
Seus ramos lúgubres pendem,
E o vivo seixo fendem
Crespas raízes nodosas
Das soveiras anosas
Que as cortiças remendadas

Têm dos estilos lascadas
A pedaços a cair.
Do outro, altivos rochedos,
Como do céu pendurados,
Difundem pálidos medos
Que em funda gruta acoitados
De espectros a povoaram.
– Di-lo toda a vizinhança,
Que ou são sombras de finados,
Ou de negras bruxas más
Ali há noturna dança.
Redobra do sítio o pavor
Um jorro alto que despenha
Saltando de penha em penha,
E os ecos em derredor
Vai temeroso acordando,
Este único som de horror
À calada solidão
Da mudez quebra o condão.
Sisnando, o ardido Sisnando,
O do forte coração,
Sentiu soçobrar-lhe o ânimo:
Uma voz dentro do peito
Lhe diz que não passe avante;
Mas outra voz mais possante,
Outra voz que é voz do fado,
Voz que ao mortal desgraçado
Não deixa força ou razão,
Lhe brada: Persiste, segue...
– Ai do que a ela se entregue,
Que se entrega à perdição!

IX

No seixo cavada gruta
Tem escassa entrada aberta,
Quase de todo coberta
De festões de hera lustrosa
Que cingindo a rocha bruta
Pende em grinalda ramosa.
Entre as folhas, que meneia
Ligeiro sopro de vento,
Viu Sisnando – e alma lhe anseia
– Um lampejar vago, incerto

De luz fraca, – ouve um acento
De voz doce mas gemente,
Voz que se ouve e que está perto,
Que entoa suavemente
Uma angélica harmonia,
Tão triste que faz chorar!
E esta voz assim dizia
Em seu lânguido cantar:
“Anjos do céu, acudi-me,
Valei-me, santos do céu,
Que me rouba mais que a vida
Quem só a vida me deu.

“Santo ermitão, que me deste
Aquela esperança ainda
Que a desgraçada Adozinda
Viria a ser venturosa
Após de longo penar...
Sorte que vieste
Sobre mim deitar,
Sorte desastrosa
Vem ver começar.

“Anjos do céu, acudi-me,
Valei-me, santos do céu,
Que me rouba mais que a vida
Quem só a vida me deu.

Mas ah! tão negro crime,
Tão horrída paixão
De um pai no coração...
De um pai...
– Como é possível!
Não, não, não há de entrar.”

X

– “Pois treme, infeliz, e sabe
Que essa horrorosa paixão
Aqui neste coração...”

Sisnando, a quem já não cabe
No peito a angústia o tormento
De tão criminoso amor,

Nestas vozes de terror
Rompendo, a caverna entrou.

XI

Oh que pavoroso instante!
Os anjos todos cobriram
Seus rostos co'a asa brilhante;
Sem vento os troncos de em torno
A ramagem sacudiram;
A lua no céu mais pálida
Como de susto enfiou
E para trás da montanha
Foi correndo, e se eclipsou.

XII

Quem há de a filha chorar
Que está nos braços paternos!
Oh! quem se há de horrorizar
Dos beijos doces e ternos
Que o amor...
– Que amor é esse?
De ouvir tão medonho horror
O próprio inferno estremece
E só lá... há tal amor!

XIII

Oh! como hei- de eu cantar
Se no peito a voz me treme!
História que é de chorar,
Quem a diz não canta, geme.
– Só não gemia Adozinda,
Que toda morta, gelada,
Santo Deus! – mais bela ainda,
Na viva rocha, estirada
Como um cadáver ficou.

XIV

E o pai ousou levantá-la,
E apertar junto a seu peito
Aquela morta beleza!

– Repugnou a natureza:
E, da paixão a despeito,
De si a afasta, vacila...
O anjo da sua guarda
Inda um momento o resguarda...
Mas há na terra ou no céu
Força maior que a paixão,
Que subjugue um coração
Que de amor endoideceu?
Se a há, não lhe acudiu Deus,
Venceram pecados seus.
Lembrou-lhe fugir... ficou:
Sim, lembrou-lhe a salvação...
E à sua condenação
O infeliz se votou.

XV

Geme, chora; altos soluços
Do peito lhe vêm bradando;
Porém fugir de Adozinda
Não pode o triste Sisnando,
Ela acorda, e em voz sumida:
Piedade, senhor, piedade!...
Só pôde dizer: perdida
Nos ecos da soledade
Vai soando e murmurando
A voz triste e condoída.
Ouve-a ele; e o coração
No peito lhe estremeceu;
Na execranda pretensão
Recua, – mas não cedeu.

XVI

Palavras que lhe ele disse
Respostas que lhe ela deu,
Oh, não as contarei eu,
Não as contará ninguém...
Quis que lhe ela promettesse
(E a terra ali não se abriu
Quando tal a um pai ouviu!)
Que para a noite seguinte,
Quando tudo em paz jazesse

Em seu leitoso recebesse...

XVII

Chora a infeliz, chora, geme,
De horror e de pasmo treine:
Insta o perigo iminente,
A esperança na demora...
Com voz cortada e gemente:
“Senhor, não insteis agora,
Deixai-me cobrar alento,
E amanhã responderei.”
– “Pois, solene juramento
Farás de que...”
– Sim, farei...
– “Que amanhã, antes que o dia
Do horizonte desapareça,
Darás resposta final
E ai de ti, ai do mortal
A quem ousasses!... – Pereça
O infeliz nesse momento:
Só a morte, só o inferno
De meu cru ressentimento
O poderiam salvar.”

CANTIGA TERCEIRA

*I must a tale unfold whose lightest word will
harrow up thy soul; freeze thy blood; Make thy
two eyes, like stars, start from their spheres.*

SHAKESPEARE

I

Que mau fado, que hora má,
Oh! qual agoirada estrela
Levou Adozinda bela
À fadada gruta escura?
Que foi ela fazer lá?
No mais denso da espessura,
A tão aziagas horas,
Só, alta noite, a desoras,
Sem donzela ou escudeiro,

Como o pedia a decência,
Sem levar mais companheiro
Que sua débil inocência,
Que seu jovem coração!

II

Quem o sabe? – No castelo
Nem a própria mãe, que a adora,
Que pela filha querida
Dera tudo, dera a vida...
Nem a própria mãe sabe-lo!
E como é que Ausenda ignora,
Por que encanto ou maravilha,
Que ao pino da meia-noite
Todos os dias a filha o escuro parque atravessa,
E tentando a treva espessa
Vai sozinha àquela gruta
Que no mais claro do dia
Ninguém a entrar ousaria?
- Mas vai; não o sabe Ausenda:
Neste segredo fatal
Coisa sobrenatural,
Coisa medonha, tremenda
Há por certo... Oh! que inda mal!

III

Desde aquela madrugada
Que Adozinda em seu balcão
Falou c'o velho ermitão,
De noite à gruta fadada
Sempre vai. Sibile o vento
No bosque medonho e feio,
Às nuvens o pardo seio
Rasgue horríssono trovão,
Nada teme; a passo lento,
Só, para ali se encaminha
E em rezas, em penitência
Horas longas jaz sozinha.
Talvez daquele romeiro,
Por salutar providência,
Seu fado lhe foi predito;
Talvez lhe fosse prescrito.

Por tão santo conselheiro
Que passasse em oração
Naquelas medonhas fragas
Certas horas aziagas
Em que a fatal conjunção
De um astro seu inimigo
Maior fizesse o perigo
Da terrível maldição
Que a persegue, – ela inocente!
– Que tão injusta caiu
Naquela votada frente...
Mas diz que não há condão
Pior que o da maldição!
E quantas não atraiu
Sobre a família inculpada
A soberba despiedada
Desse orgulhoso Sisnando?
Quantas vezes o infeliz,
C'os filhinhos expirando,
À porta do seu castelo
Se viu gemendo e chorando,
E o desalmado senhor
Essa gentalha atrevida
Escorraçar a mancou!
Tais pecados não guardou
Para os punir na outra vida
O supremo Arbitrador.

IV

Mas já despontava o dia,
Que tão alegre hoje vem,
Tão risonho parecia,
Que não dissera ninguém
Senão que trás alegria:
– E tantas, tão negras mágoas,
Nunca as trouxe o sol nascente
Desde que assoma no Oriente
E se sepulta nas águas.
Toda a noite longa, imensa,
Ausenda velou chorando,
De suas lágrimas regando o leito viúvo e só;
A ninguém sua dor intensa
A desgraçada confia:

Ninguém da triste ouve dó,
Que do esposo em companhia
Todo o castelo a julgou.
Porém a noite passou,
E por fim, do novo dia
Já o alvor vinha ralando,
Sem aparecer Sisnando,

V

É manhã; – ténue ainda a luz,
Mas vê-se que é madrugada
Ausenda ainda acordada
Sente abrirem-lhe com tento
A porta do aposento,
E entrar... – “Será ele?... Oh vem!
És tu, suspirado esposo?!”
Disse ela em tímida voz:
Não lhe responde ninguém.
Um suspiro doloroso
Lhe dissipou a ilusão.
Oh quem se há de enganar
Com aquele suspirar!
É Adozinda, – voaram
Do maternal coração
Toda a mágoa e dissabores;
E os sentidos que ficaram
Foi para amargar as dores
Que naquele ai a assaltaram.

VI

– “Filha, filha... a esta hora!
Que sucedeu?..., que tens tu?”
Calada Adozinda chora
“Ai, não me chameis filha!”
Rompe enfim, a soluçar,
Nadando num mar de pranto.
Pasma, terror, maravilha.
Susto, medo, horror, espanto
No peito da triste Ausenda
Em confusão estupenda
De tropel foram quebrar.
– Que será? – E esse tirano

De todo o sossego humano,
Dúvida, o monstro fatal.
Que até nos deixa a esperança
Para que do incerto mal
Seja maior a pujança,
Venha mais fino o punhal
Quando na alma se nos crava,
Esse do peito lhe trava,
E ao cruel padecimento
Dobra angústias e tormento,

VII

Adozinda, ajoelhada
Junto ao leito onde convulsa
Jaz a mãe atribulada,
Do coração, que lhe pulsa
Como se fora quebrar,
Traz de amargo pranto um rio,
Que dos olhos vem a fio
As maternas mãos banhar;
As mãos que ela aperta e beija,
E que o pranto que goteja
Já não sentem derramar.

VIII

Volve a ti, mãe desgraçada,
Volve, que o morrer agora
Tamanha ventura fora
Que da sorte despiedada.
Concedido não será
Vem ouvir tua sentença
De morte... pior que morte,
Vergonha horrorosa, ofensa...
E de quem!... de teu consorte.
Do pai monstro, monstro esposo...
Ai! para o tormento odioso,
Para tamanha aflição
Não tem força o coração.

IX

Tudo lhe conta Adozinda,

Tudo... tudo interrompendo
A horrorosa narração
Ora as lágrimas fervendo,
Ora os soluços rompendo
Do rasgado coração,
Ora os lábios descorados
De pejo e terror gelados,
Sem poder nem balbuciar
O que é força revelar

X

– “Irás” disse Ausenda enfim,
E a voz, que treme, assegura:
“Irás, a teu...” – pai não disse,
E um som rouco lhe murmura
Nos lábios onde a meiguice,
Onde a maternal ternura
Procuram em vão sorrir:
“Irás, filha, a Dom Sisnando
E lhe dirás que...”
“Senhora!” Interrompe ela chorando
– “Que” torna a mãe quando a hora
Da meia-noite soar,
Em teu quarto o há de esperar.
Não tremas, filha, não tremas,
Não chores, minha Adozinda,
Querida filha, não gemas,
Que há de ser feliz ainda.
No angustiado seio
Guardemos inda a esperança:
Do céu mandada me veio
Uma ditosa lembrança
Que nos poderá salvar.
No teu leito de ouro fino
Sou eu que me hei- de ir deitar;
Tua camisa de holanda
A meu corpo hei- de lançar:
E quando ele nos seus braços
Ter Adozinda julgar...
Ah! que o céu há de abençoar
Este engano virtuoso,
E a ser pai, a ser esposo
Dom Sisnando há de voltar.

XI

O dia em rezas passaram
Em devotas orações;
Mas quando as trevas poisaram
Sobre as muralhas da torre,
Voltaram as aflições:
E o tempo – que leve corre
Para todos os viventes
– Só àquelas inocentes
Acintoso parecia
Que da ampulheta fadada
Bago por bago espremia
Cada hora minguada.

XII

Enfim meia-noite soa:
Dom Sisnando, aguilhoado
Do torpe amor – do pecado,
Impaciente ao prazo voa
Que ele de amor julga dado.
Como louco, arrebatado
Corre ao leito de Adozinda,
Cego beija a face linda,
Que decerto não é dela,
Mas que não é menos bela;
Ao convulso peito aperta
Aquele peito formoso...
– Desgraçado, é tempo ainda,
Do cruel sonho desperta,
Que ao precipício horroroso
Já te vai a despenhar!...

XIII

Dom Sisnando é criminoso
Quanto o podia ficar
Do intento abominoso
Nada resta consumir.
Já tristemente acordou
De seu delírio fatal.
E sorrindo amargamente,
À infeliz assim falou:

– “E era por isto... inocente!
Que tanto se recatava
Tua virtude fingida?
Ah! essa alma corrompida
Mais do que teu corpo estava. E tu...”
Não pôde ouvir mais
A triste mãe; não lhe sofrem
As entranhas maternais
Ouvir a filha adorada
De tal modo caluniada,
E por quem, e em que momento,
C'um sufocado lamento,
Que do peito rebentando
Trouxe aos lábios alma e vida,
Quebra o silêncio:
– “Ah, Sisnando!
Ah, senhor, matai-me embora;
A desgraçada sou eu.”
E a terra naquela hora
Rasgada não soverteu
O infeliz, que meio morto,
No abismo do crime absorto,
Deste golpe inesperado
À violência cedeu!

XIV

Silêncio largo, mortal
Foi a única expressão
Que por longa duração
Naquele estado fatal
Entre esses dois foi ouvida.
Porém no perdido peito
De Sisnando atribulado
Foi a vergonha vencida
Pelo irritado despeito:
Dos remorsos avexado,
Porém mais pungido ainda.
De seu crime malogrado,
Brada em cólera abrasado:
– “Pereça a filha descrida
Que desonrou seu pai”
Pai não ousa proferir
A palavra, suspendida

Por fria, pesada mão
De remorso insubjugado,
Lhe voltou ao coração
A lacerar- lho, a vingar-se
Da malsofrida opressão.

XV

– “Ouvi-me, senhor, culpada
Sou eu só...” a triste esposa
Lhe diz, mas não ouve nada
Aquele alma furiosa,
Já neste mundo ralada
De quanta pena horrorosa
No inferno está guardada
Para crimes como o seu.

XVI

Parte; corre; – o brado horrível
Por todo o castelo soa
Tão medonho como troa
Medonho trovão de outono
Despertos do brando sono
Todos são: – ordem que deu.
São tais, que de horror tremeu
A gente absorta pasmada.
Tristemente obedecendo,
Co'a face ao chão inclinada
Se vão a medo, e mal crendo
Que não seja sonho vão
O que ouvindo e vendo estão.

XVII

Do castelo para um lado
Uma antiga torre havia
Cercada de largos fossos,
Que é memória haver fundado
Um rei mouro que vivia
Há muito, de quando os nossos
Mourisca gente regia.
Ali uma esposa sua
Que ele achou ser-lhe infiel,

Sete anos e mais um dia
Fechada a teve o cruel,
Sozinha, a grilhões e nua;
E só pão seco lhe dava,
Mas água não consentia
Que nunca ninguém lha desse
Para que à sede morresse.
Valeu-lhe quem tudo pode,
Que ao infeliz sempre acode:
Vinha-lhe orvalho do céu, De que os sete anos bebeu
E enfim o sétimo ano
De tal milagre vencido
Foi o próprio rei tirano,
Que a liberdade lhe deu,
E do crime cometido,
Se o havia, se esqueceu.

XVIII

Para esta torre deserta,
No verão ao sol exposta,
Que abrasado a queima e tosta,
No rigor do inverno aberta
A chuvas, à ventania,
Sisnando – quem tal diria!
Mandou a filhinha linda,
Que ali fechada gemesse,
A virtuosa Adozinda!...
E ai de quem água lhe desse,
Lhe desse vestido ou cama,
Que da sede à morte crua
– Qual o mouro a sua dama
– Ali quer que morra nua,
De todos desamparada,
De seu pai amaldiçoada,
Só da triste mãe chorada!

XIX

Sem dar somente um gemido,
Sem se carpir, nem queixar,
Como a ovelhinha tremente
Que sem dar nem um balido
Se deixa à morte levar,

Vai Adozinda inocente
Para aquela feia torre.
Pranto que furtivo corre
De quantos olhos a viam,
A acompanha tristemente,
E o pai!... Ânias que o remordem
Ninguém as sabe nem vê.
Num aposento encerrado,
Onde nem do mais privado
Concedido é meter pé,
Só ficou, só permanece:
Só! – antes acompanhado
De quem os seus não esquece
Do remorso, – do pecado.

CANTIGA QUARTA

*You do me wrong, to take me out o'the grave:
– Thou art a soul of bliss: but I am hound
Upon a wheel of fire, that mine own tears
Do scald like molten lead.*
SHAKESPEARE

I

Sete anos e um dia
Foi a sentença cruel
Que Adozinda cumpriria
Naquela torre fechada.
E o tirano bem sabia
Que nem três dias somente
Viver podia a inocente
Com a sede, a nudez.
Uma semana é passada
Passado é um mês e outro mês,
Ano e anos decorreram;
E os sete anos feneceram
Sem que Adozinda formosa
Em tal míngua percesse,
Sem que ao menos desmer'cesse
Em seu rosto uma só rosa.

II

Veio um dia – nesse dia
O cativo acabou
– No mais alto o sol ardia
E a terra toda abrasava.
Na torre uma voz se ouvia,
(E é esta a primeira vez)
Era uma voz que pedia,
Que suplicava piedade:
“Uma sede, uma só de água,
Uma só por compaixão,
Que me abraço nesta frágua,
Que me estala o coração”.

III

A voz de Adozinda bela
Todos clara conheceram;
C'os olhos na alta janela
De toda a parte correram:
– “Vive, inda vive! bradavam,
A inocente! vinde vê-la.”
E uns aos outros recontavam
Das virtudes, da paciência
Daquele anjo de inocência
Que, há muito, morta julgavam.
Outra vez se torna a ouvir
O mesmo clamor sair
Da torreada prisão:
– “Uma sede, uma só de água,
Uma só por compaixão,
Que me abraço nesta frágua,
Que me estala o coração?”

IV

A todos se comoveu
O mais íntimo do peito,
Mas não ousam a afrontar
Do pai o sevo despeito.
- “Tem paciência, anjo do céu!”
Com lágrimas responderam
“Que já não pode tardar
O pai que te vem soltar.

Os sete anos decorreram,
O dia está a acabar;
Sofre mais este momento,
Que hoje acaba o teu tormento.”

V

– “Oh! como hei- de eu suportar,
Amigos meus da minha alma,
Se a vida sinto acabar,
Sinto abrasar-me da calma!
Sete anos me acudiu Deus,
Que por milagre vivi,
Dava-me orvalho dos céus,
De que sete anos bebi.
Do estio ardentes queimores
No meu corpo os não senti,
Do inverno os frios rigores
Também esses não tremi.
Mas há três dias que a mão
Do Senhor me abandonou.
Tudo, tudo me faltou...
Oh! tende de mim piedade!
Uma sede, uma só de água,
Uma só por compaixão,
Que me abraso nesta frágua,
Que me estala o coração!”
– De novo alto choro ergueram,
Lastimado pranto gemem;
Mas de seu tirano tremem,
Só a chorar se atreveram.

VI

Soa a nova no castelo,
Vai correndo em derredor,
De que por fim fora ouvido
Aquele anjo sofredor
Soltar queixoso gemido,
Piedade enfim suplicar.
Só a Ausenda, que expirando
No leito da morte jaz,
Para que morresse em paz
Vão a noticia ocultando.

Mas soube tudo Sisnando,
E no duro coração
Já vacila a crueldade, já vislumbra a compaixão:
Dos secos olhos covados,
Que inspiravam medo e espanto,
Como que da mão tocados
De algum anjo punidor,
Salta repentino o pranto.
Qual onda que estala em flor
Sobre o penedo ouriçado,
Todo em lágrimas sanguíneas
O infeliz debilhado,
Para aquela infausta torre
Com incerto passo corre
Em altos gritos bradando:
– “Água! trazei água, vinde,
Acudi à desgraçada,
A uma filha malfadada
Que por mãos de seu pai morre!”

VII

Assim correndo e gritando
Chegava à horrível prisão
Em que gemia Adozinda:
– “Filha, filha, é tempo ainda;
Perdão, á filha, perdão
Para este algoz...”
– Cortou-lhe
O excesso da paixão
Língua e força; a voz quebrou-lhe,
E por morto cai no chão.

VIII

Oh! que povo se ajuntava
No Castelo de Landim!
E com que horror que ele olhava
Para aquele triste fim
De tamanho cavaleiro
Tão rico e grande senhor,
Tão esforçado guerreiro!
A Ausenda chega o rumor
Do sucesso Inesperado,

Dá-lhe força e vida amor;
O fio meio cortado
Da existência lhe atou.
Ei-la se ergue, e em mal firmado
Passo corre – e lá chegou.

IX

E já por ordem de Ausenda
Co'a porta negra e tremenda
Investem da torre erguida:
Range o ferro, os gonzos gemem,
Parece que já rendida
ai de todo; – à roda tremem,
Do fundamento aluída
A torre, os sólidos muros.
Mas em vão de centenaes
Dos mais rijos braços duros
Se movem os instrumentos
Que em muralhas mais valentes
De castelos regulares,
De mais sólidos cimentos
Têm a miúdo triunfado.

X

Parece encanto; – será?
O povo maravilhado já por tal, tremendo, o dá,
Cessam todos, encantado
É o negro portão ferrado...
E o povo desanimado
Da empresa desiste já.

XI

Arreda, arreda, infanções,
Cavaleiros, dai lugar,
Com licença, nobre dama,
Que aí vem um santo ermitão:
Com as sua orações
Este encanto há de quebrar,
Ou, se do demônio é trama,
Com o seu bento condão
Ele o há de desmanchar.

– Ei-lo chega: – este semblante
Não é aqui desconhecido...
Esta barba, este vestido...
É ele o mesmo ermitão
Que a noite de São João
(Não há dez anos ainda)
No castelo pernoitou,
Que Sisnando maltratou,
Mas, por a bela Adozinda
Pedir muito, lá ficou.

XII

Com a cabeça coberta
Do seu agudo capuz,
Os olhos de cor incerta.
Pasmados, fixos... e a luz
Que deles sai é tão viva
Que a espaços da vista priva
Quem de perto os quer fitar!
As mãos cruzadas rio peito,
Vagaroso seu andar,
Tão pesado e de tal jeito
Que faz um eco tremendo
Quando os passos vai movendo,
E como que a terra e o ar,
Com o peso vão gemendo...
– Foi seu caminho direito
Da torre à porta ferrada;
Sem atender a mais nada,
Sem olhar nem para Ausenda,
Que em lágrimas debulhada
Súplices mãos lhe estendia,
Chega à porta, e em voz horrenda
– “Abre- te!” – disse. Estalou
O ferro medonhamente,
E a porta se escancarou;
– Mas ele subitamente,
Voltando-se para a turba,
Que alto alarido alevanta
E em redor se perturba,
Com gesto que aos mais ousados
Todo o ânimo quebranta:
– “Emudecei!” – lhes bradou.

Ficaram todos calados;
E – emudecei – revibrou
De ecos em ecos dobrados
Pelo castelo e jardim;
Pelos soutos ao redor,
Pelos campos dilatados
Que a Dom Sisnando obedecem
E por senhor reconhecem
Ao rico-homem de Landim.
– Depois estendendo a mão
Ao lugar onde jazia
Por morto no frio chão
O desgraçado Sisnando,
Estas palavras dizia
Que em rouco som vão soando:

– “Eu te esconjuro,
Alma perdida,
Volta- te à vida!”
“Que o teu pecado,
Abominado
Do próprio inferno,
Só tem perdão
Com longa vida
De penitência,
De contrição,
Que a alma perdida
Salve do inferno,
Da maldição.
“Eu te esconjuro,
Alma perdida,
Volta- te à vida!
“O anjo celeste
Na hora última
Te perdoou,
E ao Pai Eterno
A tua vítima
Por ti rogou
“Lázaro imundo,
Nesta grande hora
Volve- te à vida,
Vem, surge fora!”

XIII

Em pé esta Dom Sisnando:
Vivo está, morto parece,
Tão negro véu lhe enoitece
O verde-pálido rosto,
Onde o seu selo já posto
Tinha o arcanjo da morte.

XIV

De joelhos o ermitão,
Com a cabeça coberta,
À porta da torre aberta
Faz breve e baixa oração
Eis violento repelão
A terra, tremendo, deu.
E de alto abaixo a muralha
Largamente se fendeu.
Viram todos claramente
O interior patente
Em que jazia Adozinda,
Donde há poucas horas inda
Sua voz se ouviu chamar.
E por uma sede de água
Ao seu algoz suplicar.

XV

Num leito de frescas rosas,
Que aromas do céu recendem
Morta Adozinda jazia:
Suas feições mais formosas,
Mais angélicas resplendem.
Uma suave harmonia
Tão brandamente soava,
Que ao coração parecia
Que por piedade o afagava
A quem saudoso gemia.
– A alva frente, não tocada
Pela mão da morte lívida,
De lírios do céu coroada
Brilhava com luz tão vivida
Que parecia tocada

De puros raios do Sol
As mãos postas sobre o peito
Para o céu se alevantavam,
E como que de alma justa
Para a morada apontavam.

XVI

Oh! que vista, oh! que momento
Para a triste mãe! – Faltava
Só este último tormento.
A malfadada cuidava
Que nenhum padecimento
Para gemer lhe sobrava!
Era este. – E a dor ignora,
Não sabe o que é padecer
Quem o filhinho que adora
Não viu ainda morrer...

XVII

Levantou-se o Ermitão
E bradou: – “Ajoelhemos,
E a mão de Deus adoremos.”
Submissa resignação
Pode a voz tolher à dor,
Não tira do coração
Seu espinho pungidor,
Que em silêncio é mais cruel,
Rasga mais e na ferida
Mais acre derrama- o fel.
A paciência sofrida
Da triste Ausenda cedeu;
Não exclamou, não gemeu,
E em tributo de respeito
Sua mágoa fechou rio peito.

XVIII

E Sisnando? – O desgraçado
No pó da terra humilhado,
Só lhe conhece a vida
Na agitação comprimida
Do convulso soluçar.

XIX

Para a ermida do castelo
Enfim o corpo levaram
E num cofre de ouro fino
Como relíquia o guardaram.
– Muito a não carpiu Ausenda,
Que a morte compadecida
Cedo a libertou da vida.
Porém a longa existência
De remorso e penitência
Sisnando foi condenado:
Coberto de horror e opróbrio
Cumpru seu mesquinho fado;
Onde? – Ninguém mais o soube

Do castelo aquela noite
Com o Ermitão se sumiu:
Nunca mais dele se ouviu.
Mas à meia-noite em ponto
Na capela de Landim
Se ficou sempre escutando
Gemer uma voz medonha,
Que pede perdão bradando;
E essa voz diziam todos
Que era a voz de Dom Sisnando.